

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu.

ID. 13. 14.



A RESIGNAÇÃO—FAÇA-SE A VONTADE DE DEUS

SUMMARIO:—Secção Religiosa: *A União Catholica: Pastoral de S. Ex.ª R.ª o Snr. Arcebispo de Perga, acerca do Jubileu do Santo Padre* (conclusão); *Estudos Biblicos—As Bellezas Litterarias da Escripura*, por J. C. de Faria e Castro.—Secção Scientifica: *Os principios catholicos perante a razão, XIX, Institutos religiosos*, por D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.—Secção Historica: *Padre Antonio Pereira de Figueiredo*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: *Carta ao R.ªo Snr. Antonio Candido Ribeiro da Costa*, por Albino Moreira de Souza.—Secção Litteraria: *O Forte*, poesia, por Mattos Ferreira.—Secção Illustrada: *Convento de Santa Clara, em Villa do Conde, II; VII, Uma mostra de Constantinopla; VIII, Os gosos innocentes de uma mãe; IX, A conspiração no convento*, por R.—Secção Necrologica.—Retrospecto da Quinzena, por J. de Freitas.

GRAVURAS: *A Resignação—Faça-se a vontade de Deos; Os Morcegos; O tunel do monte Ceniz.*

SECÇÃO RELIGIOSA

A União Catholica

Pastoral de S. Ex.ª R.ª o Snr.
Arcebispo de Perga,
acerca do Jubileu do Santo Padre

(Conclusão)

GRAÇAS a esta potente iniciativa, a doutrina catholica foi proclamada em toda a sua integridade austera, e os direitos da Igreja foram solemnemente reivindicados em face do atheismo politico, que pretende expulsar Christo dos Estados e repellir o Evangelho da sociedade, como se o Filho de Deus e a sua doutrina e as suas leis e a sua auctoridade e a sua Igreja fôsem idéas obsoletas, reminiscencias vãs de tempos obscuros, mythos incompatíveis com os progressos da razão e as conquistas do espirito moderno.

Retemperada pela magestosa doutrinação dos Papas de nossos dias, a fé brilha pura, inteira, immaculada, livre de certas relicencias que lhe empanavam a nativa franqueza, e desembaraçada dos estorvos que lhe impediam o curso. Hoje fez-se a luz: quem não segue a fé e o Papa, não pôde allegar por desculpa a ignorancia: fecha os olhos para não ver.

Gregorio XVI e Pio IX alumiam o mundo: Leão XIII, proseguindo a obra de seus antecessores, dissipa as trevas que de novo o inimigo accumula em volta da luz; e, cumprindo a missão especial que Deus lhe confiou, organiza as forças para a defeza dos principios proclamados pelos que o precederam na Cathedra de Pedro.

Como é ordenada e suave (exclama a este proposito um illustre publicista catholico) a acção do Espirito Sancto! As aguas da graça descem como orvalho benefico e vivificador; não como chuva torrencial, que inunda o solo, desarreiga as plantas e tudo arruina⁽¹⁾.

O Pontifice felizmente reinante distingue-se com effeito pela suavidade dos seus processos, não menos que pela firmeza dos seus principios.

(1) *Observatore Cattolico.*

E quantas glórias! quantos triumphos! quantos titulos não tem conquistado á veneração do mundo e á admiração da posteridade!

Leão XIII é não só o sabio eminente, o litterato insigne, o poeta primoroso, o restaurador da doutrina aquinatense, o protector das artes, o promotor dos estudos historico-criticos, o defensor strenuo das doutrinas, das instituições e da disciplina da Igreja Catholica; mas tambem o politico notabilissimo, o arbitro das nações, o pacificador dos povos, o bemfeitor da sociedade. Nas suas allocuções e encyclicas, tam frequentes como magistraes, tem posto principalmente o seu intento em desvendar as verdadeiras origens dos males e perigos sociaes, e em traçar o caminho pelo qual a humanidade gravemente enferma poderá obter a cura e o salvamento.

A franqueza affectuosa e a efficacia persuasiva da sua palavra apostolica não tem lido por unico effeito confirmar os fiéis seus filhos no amor e na dedicação pela Santa Igreja e pela Sé de Pedro; tem ainda excitado a admiração e a estima de muitos que d'uma e d'outra eram inimigos implacaveis!

Por isso, vamos vendo que nos preitos que em honra do Sancto Padre se preparam actualmente, por motivo do seu JUBILEU SACERDOTAL, tomam parte não sómente os povos e os monarchas catholicos (e entre elles—Deus seja bemdicto!—o nosso paiz glorioso e o nosso Soberano Fidelissimo); senão tambem imperantes e nações que infelizmente não entraram ainda no gremio do Catholicismo!

Neste cortejo universal vamos tambem nós enfileirar-nos, RR. Cooperadores e amados filhos, cada um segundo a sua possibilidade!

Não se diga que esta cidade de tantos nobres tradições religiosas, e este Arcebispado que na sua vastissima área abrange a insignissima cidade d'Elvas, a primeira praça militar do paiz, e tantas villas notaveis e populosas, fica indifferente ao grande movimento catholico que converge para a Cidade Eterna!

Se não nos é possivel a todos ir pessoalmente a Roma para alli nos associarmos ás festas jubilaes do Sanctissimo Padre, todos podêmos, ainda que separados por tam consideravel distancia, unir-nos em espirito ao Pastor Supremo,

participando das suas alegrias e dos seus votos; todos podêmos enlaçar nossas almas em uma supplica fervorosa e commum pelas suas necessidades, e offertar-lhe o valioso dom de nossas orações.

Não é menos necessaria hoje esta universal união de orações dos fiéis a favor do Romano Pontifice, do que nos dias angustiosos em que o primeiro Papa jazia no carcere, e a Igreja nascente orava sem descanço a Deus a favor de Pedro: *Petrus quidem servabatur in carcere. Oratio autem fiebat sine intermissione ab Ecclesia ad Deum pro eo* (1).

Tambem hoje o Vigario de J. C. se lamenta de estar privado da liberdade e independencia necessaria para o supremo governo da Igreja Universal: tambem hoje o Prisioneiro do Vaticano, se não tem as mãos veneraveis carregadas d'algemas, soffre todavia obstaculos á sua acção e desacatos á sua Majestade.

Oremos pois pelo Papa captivo e atribulado, para que a Misericordia infinita lhe abbrevie o tempo da provação, e lhe conceda a graça de ver raiar o dia do triumpho!

E já que Sua Sanctidade tem recommendado com instancia a devoção do SS. Rosario, como propria e efficaz para attrahir as benções e auxilios do Céu por intercessão da Beatissima Virgem MARIA Mãe de Deus; Nós vos rogamos que no proximo mez d'outubro appliqueis em especial por intenção do Sancto Padre o fructo do piedoso exercicio do Rosario: e por esta occasião de novo suscitámos a observancia das disposições que estabelecemos em a Nossa Pastoral de 22 de setembro de 1885, as quaes, como ali declarámos, estão em vigór, emquanto não mandarmos o contrario.

Importa porém que, para tornarmos mais valiosas nossas orações, lhes junctemos outra obra pia,—a esmola.

E assim, tendo Nós em attenção as exigencias e circumstancias particulares d'esta diocese; considerando que a mingua do Clero, ainda para acudir ás necessidades mais urgentes dos povos, é quiça a mais grave difficuldade e a mais penosa angústia que Nos opprime, e que por isso Nos deve merecer especial desvelo tudo que possa contribuir

(1) *Act. App. XII, 5.*

para animar as vocações ecclesiasticas; e tendo ouvido o parecer de pessoas discretas e auctorizadas,—resolvemos convidar o Clero e os fieis do Arcebispado a concorrerem com suas esmolas para se fundar no Seminario d'esta cidade um premio pecuniario, que será denominado perpetuamente PREMIO LEÃO XIII, e que será annualmente conferido ao alumno que, além de ter bom comportamento moral, civil e religioso, se distinguir sobre todos pelo merito e aproveitamento litterario.

D'esta arte, ficará alliada a nossa homenagem ao Grande Pontífice com o bem e progresso do Seminario Eborense;—o que por certo não será desagradavel ao SS. Padre, que tanta sollicitude e predilecção tem sempre mostrado pelas casas d'educação ecclesiastica; e, se é pequena e humilde esta manifestação, ficará a sua singeleza compensada, ao menos em parte, pelo seu character de permanencia e estabilidade.

Se porém o producto da subscrição indicada fôr tal (como esperámos da generosa charidade e catholicos sentimentos de Nossos RR. Cooperadores e amados filhos em J. C.), que, deduzido o capital necessario para a creação do PREMIO LEÃO XIII, reste ainda alguma quantia, grande ou pequena; será ella posta reverentemente aos Pés do Sancto Padre, como parte da esmola da Missa que no dia do seu JUBILEU SACERDOTAL Sua Sanctidade offerecerá pelos fieis catholicos de todo o mundo.

E como esta oblata será tanto mais significativa, quanto maior fôr o numero de parcellas que a componham; é Nosso vivo desejo que sejam muitos, muitissimos os offerentes, ainda que diminutas sejam as offeras; assim de que a muitos, a muitissimos aproveite o fructo especial da Missa do Papa. Não será engeitada qualquer esmola, por exigua que seja: o ceitil da indigente viuva pôde valer mais aos olhos de Deus, que os quantiosos donativos do opulento (!).

Em harmonia com o que deixámos expellido, havemos por bem dispôr e determinar o seguinte:

1.º—No dia 31 de dezembro do corrente anno celebrar-se-á na Sé Cathedral d'esta cidade um solemnisimo *Te Deum*, no qual officiaremos (se Deus Nól-o permittir), em acção de graças ao Altissimo por todos os beneficios recebidos durante o anno, e em especial pela conservação da preciosa vida do actual Pontífice.

2.º—O mesmo acto religioso deverá ter lugar em todas as egrejas parochias e conventuaes da Archidiocese com a maior solemnidade possivel; e, se por motivos legitimos não podér celebrar-se no indicado dia em alguma egreja rural, ficará transferido para o 1.º de janeiro de 1888.

3.º—No dicto dia 31 de dezembro far-se-ão nas torres de todas as egrejas os festivos repiques de sinos proprios das maiores solemnidades.

4.º—Durante os mezes de outubro, novembro e dezembro proximos todos os RR. Sacerdotes d'este Arcebispado darão nas Missas, quer privadas quer solemnes, a oração *pro Papa* no lugar competente, quando a rubrica o não prohibir.

5.º—Pedimos a todos os RR. Presbyteros que no dia do JUBILEU SACERDOTAL de Sua Sanctidade applicuem, podendo, a Missa pela liberdade e exaltação da Sancta Madre Egreja e pela diuturna e próspera conservação da vida do Egregio Pontífice que ora preside á universal congregação dos fieis.

6.º—Declarámos aberta até ao dia 30 de novembro proximo a subscrição entre o Clero e fieis da Archidiocese para a instituição do PREMIO LEÃO XIII e para a esmola da Missa de JUBILEU SACERDOTAL que será celebrada pelo mesmo Soberano Pontífice.

7.º—Rogámos e muito recommendámos aos Rev.^{mos} Vigarios da Vara que organizem, sob a sua presidencia, commissões de pessoas de probidade e sentimentos religiosos, sem distincção de parcialidades politicas, para promoverem as esmolas; convindo tambem que nas freguezias (ao menos nas mais importantes) os RR. Parochos procurem formar commissões filiaes da do seu Vicariato.

8.º—O producto das esmolas pôde ser entregue aos Rev.^{mos} Vigarios e RR. Parochos, para o fazerem chegar ao seu destino, ou directamente enviado ao Rev.^{mo} Desembargador Vice-Reitor do Seminario Archidiocesano, a quem serão tambem mandadas todas as listas dos subscriptores, cujos nomes serão transcriptos para memoria em um livro especial.

Esta Nossa Pastoral, depois de registrada na Camara Ecclesiastica, será enviada a todo o Reverendo Clero e Casas Religiosas d'este Arcebispado: devendo-a ler os RR. Parochos á estação da Missa conventual de cada um dos tres domingos seguintes á sua recepção, registrá-la no livro competente e facultar a leitura aos fieis que d'ella desejarem ter conhecimento mais particular.

Dada em Evora, no Paço Archiepis-

copal, sob Nosso Signal e Sello de Nossas armas, aos 20 de sephembro de 1887. (Logar ✕ do sello).

† AUGUSTO, Arcebispo de Perga,
Coadjutor d'Evora.

Monsenhor Joaquim Augusto da Fonseca, Secretario.

Estudos Biblicos

As Bellezas Litterarias da Escriptura

VIMOS, ou demos ao leitor, nos artigos anteriores, as mais perfectas descripções da Biblia. Hoje vamos dar-lhe as suas mais notaveis narrações, assim em prosa como em verso.

A narração é a exposição ou a relação de um facto ou successo, ou real ou ficticio. Ella é de tres especies: a *historica*, a *poetica*, e a *oratoria*.

A narração historica deve ser sempre exacta, fiel e completa. Comtudo uma exactidão rigorosa não exclue os ornatos do estylo, nem as reflexões interessantes, que dam vida e movimento á narração.

A narração poetica é abandonada quasi toda á imaginação do poeta; o poeta pôde inventar, embelezar, transformar os acontecimentos á sua vontade; mas o que o poeta não pôde deixar de ser, é interessante e verosimil.

A narração oratoria é, emfim, a historia do facto que constitue a causa.

O orador não pôde, como pôde o poeta, crear os factos; mas o orador não tem obrigação, como o historiador, de apresentar os factos com escrupulosa fidelidade. Sem os alterar, é-lhes permittido suavizal-os, modifical-os no que elles téem de odioso ou de injurioso, e de fazer valer, ao contrario, as circumstancias favoraveis á sua causa.

* * *

A Escriptura Sagrada abunda em narrações onde se pôde notar a maior simplicidade sem nenhum trivial e turpidez. Que se veja, por exemplo, o Capitulo XXI do Genesis que principia assim:

«Ora o Senhor visitou a Sara, como elle lhe tinha dito, e executou a sua promessa.»

Todo este capitulo está escripto como o versiculo seguinte:

«Elle habitou (o filho de Agar) no deserto de Faran: e sua mãe o cazou com uma mulher do Egypto.»

E aquella capitulo da Escriptura que trata de Ruth que vae ao rabisco das espigas na seara de Booz, que era consanguineo d'Elimelech e parente che-

(1) *Et convocans discipulos suos, ait illis: Amen dico vobis, quoniam vidua haec pauper plus omnibus misit, qui miserunt in gazophylacium* (Marc. XII, 43.)

gado de seu marido?—O livro de Ruth é lindissimo todo inteiro. Elle póde ser considerado como um seguimento do livro dos juizes, porque a historia que n'elle se acha é contemporanea, e bem como uma introdução ao livro dos Reis, porque ali se lê a genealogia do propheta e rei David.

O livro de Ruth é um encantador idyllio, onde estam desenhados com as cores as mais candidas os costumes ternos e simples d'esses tempos remotos. Eis aqui a analyse:

«No tempo de um juiz, quando os juizes governavam, houve uma fome na terra. E um homem de Belem de Juda saiu, a peregrinar no paiz de Moabe com sua mulher e dous filhos: chamava-se elle Elimelech, e sua mulher Noemi: e os dous filhos, Mahalon, um, e outro Quelion. Elle morreu, os dois filhos cazaram com mulheres de Moab. Mahalon com Ruth, e Quelion com Orfa. Estes dois rapazes morreram e Noemi fica com as duas viúvas, suas noras. Ella resolve-se a tornar para a sua patria: as duas noras desejam ir com ella; mas Noemi diz-lhes: Ide para casa de vossos paes, o Senhor usará comvosco de misericordia e vos dará outros maridos. Orfa beijou-a e foi-se; mas Ruth acompanhou a sua sogra. Novos conselhos de Noemi, nova recusa de Ruth. Ellas partiram juntas e chegaram a Belem. (Capitulo 1.º).

«Ruth vae ao rabisco das espigas na seara de Booz, homem poderoso, e muito rico, proximo parente d'Elimelech, seu sogro. Booz recebe Ruth e falla-lhe com bondade: elle falla-lhe da sua dedicação para com a sua sogra, e elle supplica ao Senhor que a abençõe. Acrescentando ainda: Ouve, filha, não vás a outro campo a rabiscar, não te apartes d'este logar: mas ajunta-te com as minhas moças. Mandou-a comer com as moças e dá ordem a estas que de proposito deixem cair algumas espigas das gavélas, afim de que ella as apanhe abundantemente. Ella traz á sogra tres alqueires de cevada que pode colher. (Capitulo 2.º).

«Aconselhada por Noemi, Ruth vae deitar-se aos pés de Booz. Este, surprehendido e perturbado de vel-a ali, reconhece que é Ruth, trata-a com benignidade, promete-lhe casamento e deu-lhe seis alqueires de cevada que ella dá a sua sogra. (Capitulo 3.º).

«Booz aconselha ao parente mais chegado de Ruth de comprar o campo de Noemi e de cazar com Ruth, a moabita. Este parente recusa-se a cazar com ella e cede o seu direito a Booz. Este caza com Ruth na presença do povo inteiro, e todo o povo faz voto porque esta mulher seja feliz em fecundidade. Ruth tem effectivamente, de Booz um

filho chamado Obed, que foi pae de David.»

Seria preciso citar todo este poemeto; tudo n'elle é gracioso, ingenuo, encantador. O que ha de mais expressivo do que a resposta que a bella Ruth faz á avizada Noemi, quando esta a aconselhava instantemente de partir:

«Não te ponhas contra mim obrigando-me a deixar-te e a ir-me: porque para onde quer que tu fores, irei eu: e onde quer que tu ficares, ficarei eu tambem. O teu povo será o meu povo, e o teu Deus o meu Deus.»

* * *

Mas um capitulo dos mais importantes das narrações encontradas na Escripura é o 1.º do Genesis, que narra a criação do mundo:

«No principio creou Deus o Ceo e a terra.

A terra porém estava vasia e nua: e as trevas cubriam a face do abysmo: e o espirito de Deus era levado por cima das aguas.

Disse Deus: faça-se a luz; e fez-se a luz.»

Este ultimo versiculo é de uma sublimidade notavel: elle até tem sido celebrado entre os pagãos.

Esta criação da luz, assim:

Dixit-que Deus: *Fiat lux. Et facta est lux.*

E disse Deus: *Haja luz: e houve luz;* parece-nos a simplicidade d'esta linguagem, o ultimo esforço de um genio!

O capitulo XXII, que traz o titulo de Samuel II, offerece-nos um admiravel modelo da narração misturada com magnificos quadros, no genero sublime.

E'ahi que o Eterno vem descendo dos ceus, e que baixando-se para a terra, começa a andar sobre as trevas. E'ahi que as azas do vento lhe servem de degraus, que se cerca da escuridão como de um arraial, e que a poder de frechas que vae arremessando dispersa os seus inimigos. E'ahi, emfim, que as profunduras dos mares se descobrem, assim como os fundamentos da terra; e é com a ameaça de Jehova e com a respiração que pelas ventas lhe sae que os obriga a sairem de frente.

O suberbo cantico de Moysés, sobre a passagem do mar Vermelho, é tambem um exemplo vivo da narração poetica no genero sublime; é uma narração misturada de quadros repletos de energia, viveza, e de um sublime magestoso. E' n'esse cantico que a destra do Senhor destrue os inimigos oppressores:

«Cantemos louvores ao Senhor—disseram os filhos d'Israel—por ter feito brilhar a sua grandeza, e a sua gloria, e porque precipitou no mar o cavallo, e o cavalleiro.» Cap. 15, do Exodo.

J. C. de Faria e Castro.

SECÇÃO SCIENTIFICA

Os principios catholicos perante a razão

(Continuado do n.º 2)

XIX

Institutos religiosos

Os institutos religiosos protectores da liberdade. —Impulso dado a civilização pelos missionarios. —Grandes serviços das corporações regulares nos seculos V e VI.—Os monges salvaram a civilização da Europa, e os seus mosteiros foram o refugio das sciencias.—Os monges agronomos e artistas.—Combateram a escravidão.—Admiraveis institutos da Santissima Trindade e das Mercês.—Os religiosos abrindo enfermarias e hospicios para escravos abandonados, leprosos, etc.—Ordens de S. Lazaro e de S. Antão.—O Concilio III de Latráo.

EM-SE dito tanto contra os pobres religiosos, e inventam-se cada dia tantas e tão absurdas fabulas e infundadas calumnias contra o monachismo, que julgamos indispensavel dedicar algumas linhas a essas instituições admiraveis creadas pela caridade christã em beneficio dos povos.

E' dever do homem imparcial esclarecer os factos que, falsamente interpretados pelos inimigos do christianismo, deturpam a verdade historica com o apaixonado intuito de nos contarem que o clero catholico, e com especialidade os monges, conspiram constantemente contra a instrução, progresso e liberdade do povo.

Não nos arrecciamos de ser accusado de parcial, visto como a historia subministra as simples e breves reflexões que vamos fazer. E diante do testemunho e da certeza dos factos, deve emmudecer esse apaixonado espirito de opposição, que tanto offusca o criterio do protestantismo, criterio lamentavelmente preoccupado até ao extremo de esquecer as virtudes dos Regulares e os seus nobres esforços a favor da civilização humana, cujo adiantamento e progresso na agricultura, nas sciencias e artes se devem principalmente á sua prodigiosa e caritativa actividade, sem que os erros, culpas e defeitos de alguns membros possam escurecer tantas e tão grandes virtudes da classe em geral.

Entretanto exageram-se essas faltas para inferir d'ellas uma accusação geral em verdade pouco logica, porque de premissas particulares não se podem deduzir consequencias verdadeiras; bem como o defeito individual não prova a decadencia d'uma sociedade.

Reforme-se o que precise de reforma, mas não se extinga uma classe inteira, como succedeu em todos os paizes onde a irreligião chegou a predominar. Na Hespanha fecharam os conventos depois de terem calumniado os seus moradores inventando contra elles

as mais extravagantes fabulas (1) e exagerando por outro lado as suas riquezas para excitarem o odio e a cubica das turbas, que afinal commetteram aquelle horrivel crime, pagina negra da nossa historia e do cobarde governo que não soube reprimir tão repugnante scena de assassinios e de saques.

A falta individual não pode imputar-se a uma corporação inteira, que pela sua moral é de tão grande interesse para o catholicismo e para a sociedade em geral. Desacreditar os respeitaveis ministros da nossa sancta religião para os dispersar e sequestrar-lhes com falsos pretextos os bens que elles legitimamente possuem, deixando na miseria e no abandono tantos anciãos e impedidos (2) significa o abuso mais vil do repugnante direito da força.

Deviamos considerar o sacerdote nas sanctas funcções do seu ministerio, mas considerá-lo-hemos nas suas relações directas com os interesses da sociedade, e debaixo d'este ponto de vista apresenta-se o nosso clero como o constante e decidido protector da classe desvalida, porque o seu officio leva-o naturalmente a derramar os thesouros da caridade sobre as desgraças e afflicções da desventura humana. A sua missão consiste no exercicio de tão ele-

(1) Accusavam os religiosos de terem occasionado o desenvolvimento do cholera em Madrid envenenando as fontes e indicavam até uns mysteriosos pacotes do supposto veneno. O auctor d'este escripto sustentou uma renhida disputa com certo personagem que pretendia ter havido á mão o corpo do delicto, onde se indicavam uns pês com esta inscripção—*Ex oraneo Sancti Mamerti.*

A invenção foi ridicula, mas produzia o seu funesto resultado, dando occasião a presentear-se em Madrid uma espantosa matança, que não se tratou de reprimir, posto que para isso houvesse força militar sufficiente. As tropas permaneceram inactivas, deixando que algumas centenas de bandidos saqueassem os conventos e assassinassem os frades. Estes roubos e assassinios repetiram em outras povoações á vieta e com a tolerancia das autoridades. A historia ha de julgar o governo de Hespanha d'aquella epocha desgraçadissima. Pela nossa parte crêmos que o governo cedeu a uma pressão e influencia secreta e que andou torpe e imprevidentemente precipitando a lei de desamortisação ecclesiastica, que devia levantar fortunas colossaes, manchadas com sangue innocente. A politica do justo meio teve grande responsabilidade na tolerancia com o erro ou antes nos factos consummados. Theoria fatal de que por diferentes vezes foi victima, arrastando na sua ultima queda a dynastia d'aquella senhora que governava a nação no infausto dia 16 de julho de 1834.

(2) A mesquinha pensão que lhes concederam não era sufficiente para a sua miseravel sustentação. Muitos morreram nos hospitais e alguns, enlouquecendo, vinhol-os em hospites de alienados. Outros dedicaram-se a trabalhos mechanicos, e não poucos sacerdotes veneraveis terminaram seus dias a mendigar uma esmola.

vada virtude, e para cumprir tão sublime dever só na religião catholica ha heroismo.

A nossa sancta religião suscita homens que navegam os mares e que atravessam solitarios desertos e impenetraveis florestas sem auxilio algum. O pobre missionario, e só o pobre missionario, percorre com afão toda a terra, segue as hordas selvagens nas suas largas correrias, estabece-se nas profundas cavernas da Lapônia, e vive nos seus páramos gelados como no ardente clima da zona torrida.

O missionario catholico é o homem que por espirito de caridade abandona as commodidades e doçuras da civilisação para ir residir entre as crueis tribus de cafres e hotentotes, ou entre os degradados negros da Africa central. O humanitario religioso emprehende estes sacrificios em beneficio das sociedades mais abjectas e atrasadas, e para ensinar ao estúpido selvagem com os preceitos da verdadeira religião todas as artes necessarias á vida humana.

O missionario é para os seus neophytos não só um ministro do culto verdadeiro, que regula e ordena as acções d'aquella civilisação nascente, mas tambem o primeiro agricultor e o laborioso artista, do qual aprendem a beneficiar e cultivar os seus campos, a construcção das suas habitações, a feitura dos vestidos, do calçado, dos moveis mais preciosos; é o homem que sacrifica heroicamente a vida não buscando outra recompensa que a gloria de Deus e o bem-estar do seu proximo desventurado.

O mundo submergia-se nos excessos e loucuras da idolatria, e as nações da terra eram formadas de homens depravados pelas torpezas do grosseiro sensualismo, quando Jesus Christo veio ensinar uma moral imperfeitamente praticada, que, resgatando os mortaes do seu miseravel abatimento, devia levar-os a fins mais altos e sublimes. Os discipulos do Salvador deram principio a uma missão de caridade heroica, que dezenove seculos não têm podido interromper, e que constitue a empresa civilisadora que principalmente os institutos religiosos desempenham.

Como ha, pois, quem diga que estas corporações admiraveis teem sido inimigas da civilisação e do progresso humano? Injusto e apaixonado erro historico, que as chronicas imparciaes sempre desmentiram!

Como seria demasiado larga a relação dos serviços prestados á sociedade pelo monachismo, limitaremos a nossa observação a alguns mosteiros, começando pela epocha em que o imperio do Occidente desabou.

Segundo o conceito do historiador

Robertson (4) a Europa nunca conheceu tempos tão aziagos como os seculos V e VI. Nações barbaras, povos ferocissimos abandonaram suas miseraveis guaridas, caindo quaes aves de rapina sobre as provincias do imperio. Nada poude resistir ao seu impeto feroz, que levou a toda a parte a desolação e o estrago. Italia, França, Hespanha e Inglaterra foram invadidas, succumbindo á pujança de tão numerosos e crueis inimigos. Transtornaram-se as leis, os usos e costumes: cidades importantes caíram arrasadas, e grande parte da população indigena pereceu. Os Papas salvaram a Italia d'aquelle horrivel cataclysmo (5), o clero catholico salvou a civilisação da Europa, evangelizando os conquistadores, e contendo por este meio os seus barbaros excessos, e os monges prestaram n'aquella epocha aziaga importantes serviços ás sciencias e á litteratura, á historia e ás artes, conservando nos seus mosteiros as obras dos classicos gregos e romanos, e as pinturas e esculpturas que poderiam recolher.

Dedicavam-se ao trabalho minucioso de copiar pergaminhos destrozados e manuscritos antiquissimos, destinando para esta operação em logares e horas opportunas homens de experiencia (3). «Os cinco primeiros livros de Tacito são conservados pelos solitarios de Corbia. A elles devemos igualmente os Alexandres, os Cesares, os Homeros e os Virgilios, que nos seriam absolutamente desconhecidos se não fôra o zelo illustrado d'estes pobres monges (6).» O Papa S. Leão libertou Roma dos ferozes Atila e Genserico; S. Epiphanyo salvou Pavia do barbaro Odoacro; e dos grandes beneficios que S. Gregorio fez á capital de Italia conservará a historia imperecedouras recordações e memoria eterna o nobre povo que os imperadores de Constantinopla tão cobardemente abandonaram.

(Continua)

D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.

SECÇÃO HISTORICA

Padre Antonio Pereira de Figueiredo

(NOTA HISTORICA)

Fo o escriptor que se occupar da historia da Igreja, ou ainda da historia litteraria de Portugal, necessariamente tem de fallar do Padre Antonio Pereira de Figueiredo, que, sem contradi-

(1) Introd. á Hist. de Carlos V.

(2) Cesar Cantu.

(3) Diccion. encyclop., art. Bibliotheca.

(4) Dissert. apol. do estado religioso, p.

ção, foi um profundo theologo e litterato no seu tempo. O nome d'este sabio encheu mais de metade do seculo passado, figurando em todo o genero de sciencias, e principalmente nas questões theologicas d'aquella epocha.

Infelizmente, este homem, notavel por muitos titulos, de vastos conhecimentos, dotado de penetração, viveza de espirito e d'uma admiravel actividade no estudo, nem sempre seguiu o recto caminho da doutrina da Igreja, transviando-se muitas vezes das puras verdades catholicas.

Como verdadeiros filhos da Santa Igreja, Mestra da verdade, não podemos deixar de reconhecer e lamentar os erros do Padre Pereira, embora por outro lado confessemos os seus grandes meritos scientificos e litterarios.

O que vamos dizer a seu respeito pôde ser considerado como uma nota historica, na relação das cousas ecclesiasticas do nosso reino.

Nasceu o Padre Antonio Pereira de Figueiredo na villa de Mação, na Extremadura, a 14 de fevereiro de 1725. Seus paes foram Antonio Pereira e Maria de Figueiredo.

Alguns escriptores estrangeiros lhe dão por patria a cidade de Mação, na China; mas é erro, e com certeza confundiram a villa de Mação, no continente portuguez, com aquella cidade que é uma colonia ultramarina.

Em 1736 entrou no Collegio Ducal de Villa Viçosa, onde aprendeu grammatica, latinidade, musica, rhetorica e poesia, tendo por mestres os jesuitas que então, e sempre, foram os melhores professores das sciencias e lettras humanas.

Ha quem pretenda que depois d'algum tempo entrara Antonio Pereira no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, pela prenda de menino do coro e organista, e que, lindos seis mezes de noviciado, largara a murça, por isso que pelos estatutos d'aquella Congregação lhe era difficil seguir a carreira litteraria.

No entanto esta circumstancia da sua vida não a achamos evidentemente confirmada: nos auctores coevos nada se diz a tal respeito. E tambem não nos parece provavel o motivo da saída do mosteiro.

E' certo, porém, que a 24 de setembro de 1744 entrou, em Lisboa, na Congregação do Oratorio, onde aprendeu as sciencias escolasticas e theologicas. Foi mestre da classe das lettras humanas, eleito pela Congregação em 1752. E tambem alli ensinou theologia.

Reinava o marquez de Pombal sob o nome de D. José I, e, succedendo em 1760 a ruptura do governo portuguez com a còrte de Roma, o Padre Pereira pronunciou-se logo em favor da Santa

Sé; mas em breve mudou de principios, escrevendo em favor do scisma, auxiliando em tudo os projectos do marquez de Pombal.

Em 1769 saiu Pereira da Congregação do Oratorio, não se sabe bem o motivo; e pouco depois publicou a celebre *Tentativa Theologica*, que tanto brado deu por toda a Europa.

Esta obra, assim como outra que escreveu ácerca do poder dos reis sobre os bens e pessoas ecclesiasticas, revelam claramente que Pereira de Figueiredo seguia os principios jansenistas, e que estava vendido ao ministro imperioso d'el-rei D. José.

Com razão o illustre sabio Picot, seu contemporaneo e que lhe sobreviveu, diz nas suas *Memorias ecclesiasticas* que o Padre Pereira, nas suas obras, patenteia em favor de Pombal a adulação mais servil.

Que elle abraçou os erros e o systema de Jansenio é evidente pelas suas produções, e ainda pelas relações intimas que teve com Vicente Palmieri, Pedro Tamburini e José Zola, jansenistas italianos.

Muitos teem cognominado a Pereira o *Febronio Portuguez*, e justamente porque elle em muitos logares dos seus escriptos copia a Justino Febonio, acerrimo jansenista, condemnado pela Igreja.

O Padre Pereira foi nomeado interprete mór das cartas latinas, cargo que exerceu emquanto vivo. Além d'isso, era da real meza censoria e membro da Academia Real das Sciencias de Lisboa, na classe de litteratura.

Morreu de apoplexia a 14 de agosto de 1797, na casa de Nossa Senhora das Necessidades, onde vivia como hospede desde 1785. Antes de fallecer retomou o habito da sua Ordem.

Deixou muitas obras que formam um longo catalogo, algumas em latim e outras em portuguez: versam sobre theologia, historia e grammatica. O *Novo methodo da grammatica latina* tornou-se classico, e teve mais de 20 edições.

Entre as suas obras distingue-se a traducção da *Biblia* em portuguez, com notas. Consta de 23 volumes *in-oitavo*.

E' uma obra de grande merecimento quanto á traducção litteral dos Livros Santos; não assim quanto ás notas que não raras vezes são heterodoxas, escriptas segundo os principios de Jansenio.

Tambem se lhe attribuiu a celebre *Deducção Chronologica e Analytica*, escripta contra os jesuitas; mas esta obra, publicada sob o nome do dr. José de Seabra da Silva, procurador regio, é do marquez de Pombal, como hoje de todos é sabido.

Em confirmação d'isto, convem saber o seguinte: o Padre Antonio Pereira de Figueiredo traduziu em latim a

Deducção, publicando-a em 1771 e dedicando-a ao marquez de Pombal.

Na *dedicatoria* diz Pereira que, por ordem do marquez, tinha Seabra publicado a *Deducção, tal qual a tinha recebido das mãos do mesmo ministro*.

E continuando a dirigir-se ao marquez, diz o Padre Figueiredo:

«Esta obra, digna da immortalidade, foi publicada sob o nome do procurador. Mas para todo o leitor que nota a admiravel ordem do discurso, a escolha ingenhosa dos factos, a solidez dos pensamentos, a elegancia e brilho do estylo, não pôde restar duvida alguma que só vós, em quem tudo é grande, vasto e sublime, ereis capaz de compôr uma obra tão completa em todo o genero.

«Recebei, pois, ex.^{mo} senhor, a vossa obra, recebendo a minha. E vós que, historiador de Portugal, tendes dado a conhecer na nossa lingua aos nossos compatriotas o que são os jesuitas, permitti que publicando esta traducção latina do vosso livro, eu faça conhecer a todas as nações estrangeiras quanto vós sois grande.»

Temos aqui uma demonstração clarissima de que a *Deducção Chronologica* é producção do marquez de Pombal.

Apesar d'isto é muito provavel que o Padre Pereira em grande parte cooperou para a composição d'aquella obra, subministrando ao marquez materias para ella. Em todo o caso, como se vê, elle adoptou os seus principios.

Ora a *Deducção Chronologica* é um livro repleto de mentiras, de hypocrisia e odio religioso. Denuncia a malvez sem igual do seu auctor. E' dictado por um odio cego contra a Companhia de Jesus.

E á vista d'isto, que pensar do Padre Antonio Pereira de Figueiredo que elogia uma tal obra e approva o seu assumpto?

Mas, por fim, diremos em honra d'este homem que elle á hora da morte retractou as doutrinas sustentadas contra os ensinamentos da Igreja. Assim o referem varios auctores, entre os quaes alguns contemporaneos e confrades que assistiram aos seus ultimos momentos. O facto de Pereira retomar o habito de congregado, e morrer na casa conventual, parece fortalecer esta crença.

Se, porém, elle não retractou os seus erros, como outros querem, com isso não se honra a sua memoria. E' certo que errou, e errou em pontos essenciaes.

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.



SECÇÃO CRITICA

Carta ao Rv.^{ma} Snr. Antonio Candido Ribeiro da Costa

Recife 14 de outubro de 1887.

Rv.^{mo} SNR.

† ELO «Progresso Catholico», folha de que sou assignante ha uns poucos d'annos, tenho sabido que V. Rv.^{ma} intercala em quasi todos ou todos os seus discursos, trechos que são um ataque formal á Religião Catholica Apostolica Romana, da qual V. Rv.^{ma} é (com ou sem vontade) sacerdote.

Educado e crendo sinceramente n'esta Religião, não posso por mais tempo deixar passar sem protesto o que V. Rv.^{ma} tem dito com incrível má fé a respeito d'ella.

Antes de tudo convém estabelecer o seguinte: ou V. Rv.^{ma} é padre catholico ou não é, ou crê ou não crê, ou segue ou não segue o que a Religião Catholica manda crer e seguir.

Aqui ha uns dias passados li em varios jornaes que V. Rv.^{ma} ia deixar a batina e a volta e entregar-se francamente á calça e ao paletó para poder mudar de condição social.

(Talvez inveja de Luther, Calvino e outros de igual jaez).

Quer que falle a V. Rv.^{ma} com a franqueza de verdadeiro catholico?

Acho preferivel isto se não vive satisfeito com a carreira que abraçou, (e se vive os seus actos e as suas palavras desmentem-n'o) do que viver hypocritamente e da forma mais contradictoria consigo mesmo que se pode imaginar.

Triste, tristissimo, Snr. Padre!

Se o chefe de seu partido que é monarchico, ou mesmo algum correligionario seu, quer nas suas palavras, quer nos seus escriptos, fizesse a apologia da republica, V. Rv.^{ma} o que diria? não lhe chamaria traidor, judas? não o mimosearia com epithetos os mais affrontosos?

Verdade, verdade! V. Rv.^{ma} tem adquirido perante os homens imparciaes, perante os homens de bom senso, perante os catholicos uma celebridade tão triste que, ousou declarar-lhe, não troco a obscuridade em que vivo por uma celebridade de tal ordem!

Parecia-me incrível que um padre medianamente illustrado, dissesse diante de alguém isto que V. R.^{ma} disse ultimamente em pleno parlamento: «Que explicará esta dictadura e as que a precederam, pela relaxação dos caracteres, pelo aviltamento da alma portugueza, corrompida por dois seculos de decadencia, resultante do

«despotismo monarchico e do fanatismo religioso». E custou-me acreditar que V. Rv.^{ma} votasse como votou ultimamente e mais alguns contra o estabelecimento de ordens religiosas para as nossas possessões ultramarinas, votação esta que é uma vergonha e uma prova do aviltamento a que ha chegado o parlamento portuguez.

Mentiras e traições d'esta ordem só me era dado esperar das palavras e dos actos de uns transfugas que se assignam por Guilherme Dias um e por Henrique Ribeiro outro; mas vejo que V. Rv.^{ma} pertence ao numero d'estes, com a circumstancia aggravante de que estes ao menos já se revelaram, já se declararam taes quaes são—apostatas—. Por mais ruins que elles sejam não chegam ao ponto de V. Rv.^{ma}, porque já despiram a vilissima capa da hypocrisia com que, até então, andavam encobertos perante os homens (como V. Rv.^{ma} hoje), e digo sómente perante os homens porque perante Deus de ha muito que o estavam.

Um nas condições de V. Rv.^{ma} pode ser muito leal, pode servir muito bem no parlamento ou fóra d'elle aos seus amigos, ao seu corrilho politico; o que não é com certeza é bom padre.

Isto juro á face de Deus omnipotente e omnisciente.....

V. Rv.^{ma} (certamente não gosta que eu lhe dê este tratamento. Desculpe-me. E' prova de jesuitismo segundo a sua phrase) é mau, mesmo muito mau sacerdote. A par de uma vida que pode ser muito PROGRESSISTA mas que não é propria de um ecclesiastico, fere constantemente com sua palavra os catholicos no que elles consideram mais inviolavel, mais sagrado,—a sua crença—.

Dir-me-ha talvez que tem liberdade de pensamento «esta conquista da grande revolução», como todos os dias oiço dizer até de V. Rv.^{ma}, e tem direito de manifestar livremente suas ideias (gambettistas já se vê) etc. etc.

Pois bem! E' invocando a liberdade mesmo que lhe peço saia d'essa posição aviltante, hypocrita, desgraçada em que V. Rv.^{ma} se encontra.

Ou V. Rv.^{ma} quer agradar a todos, servir-se da religião como instrumento para fazer favores aos seus comparsas?

Sim, quero vêr V. Rv.^{ma} sahir d'esta situação: Ou é padre e n'este caso não sabe, não comprehende seu dever nem entende da religião, ou é simplesmente «politico» (palavra que para mim significa ser-se trapaceiro, sem vergonha, falto de caracter ou caracter relaxado) de nada se importa com a religião, ou quer ser uma coisa e outra ao mesmo tempo (esta é a verdade) e então verifica-se em V. Rv.^{ma} o hypocrita fementido como acima já disse.

Eu, pelo menos Rv.^{mo} Snr. embora ouvindo todos os dias ápodos, pilherias, de certo povo, chamando-me por deboche—santarrão, jesuita, sachristão, etc., não escondo a pessoa alguma o meu modo de pensar a tal respeito e por isto mesmo aqui declaro mais uma vez alto e bom som que sou Catholico, Apostolico, Romano e n'esta qualidade procuro cumprir os meus deveres apezar de não ser sacerdote como V. Rv.^{ma} é.

Eis o que por agora tinha a dizer-lhe e

Creia-me

De V. Rv.^{ma}

Patricio, etc. etc.,

Albino Moreira de Sousa.

SECÇÃO LITTERARIA

O FORTE

Nos fins de vasta charneca,
nas ribas da boira-mar,
um forte eu fui visitar,
nas rôtas gastas ruinas.
Pungiu-me ali a saudade,
pisando os tristes destroços,
onde brilhaes esforços,
ações talvez peregrinas.

Desguarnecidas as portas,
patente abriam a entrada;
aos cantos acumnlada,
era a treva humida e escura.
Sobre os entulhos o pé
tropeçava na asperêza.
Da luz, á frouxa incertêza
corria vaga amargura.

As abobadas erguiam
solida a curva perfeita;
aguda janella estreita
as saias ondas olhava.
Unicos restos de hombraes,
n'uma só porta se via:
de um eirado a cantaria,
no invio solo faltava.

Em recorte nas muralhas,
inda as setteiras corriam;
de uma guarita existiam
mal distinctos restos só.
E, ao mais alto eirado após,
derruida trepando a escada,
no peito, eu senti a espada
de funesto e amargo dó.

A hera não colleava,
nos cordões de pedra escura;
nem em laços de verdura,
pendia sobre os quinaes.
Só musgo, um musgo sem viço,
e, na grossa alvenaria,
negras manchas estendia,
o varrer dos temporaes.

Oh que espectaculo angusto,
sobre o forte se domina!
Os ceos o a saia collina,
e o sol, e as ribas do mar!
Eis em tudo o sello impresso
de um artista omnipotente,
um hymno sagrado e ingente,
que enleva e nos faz acismar!...

E as ondas viuham morder
no promontorio cavado,



OS MORCEGOS

querer saber dos arruados que vão fórra do lar, nem das luctas em que a humanidade anda sempre empenhada, tem allí nos seus filhos todas as alegrias, está allí a sua maior felicidade. O filhinho mais pequeno deitado no regaço, brinca com o irmão mais velho, que alegre e risonho está por tudo que o pequerrucho quer, e a mãe, toda embebida no brinqueado dos pequenos, tem no rosto estampadas todas as alegrias da mãe christã, porque, como disse alguns um escriptor notavel:

«Que lhe importava a elle todo o Universo, tudo que a mão de Deus n'ello ha disposto Via ali reunido.»

XI

A conspiração no convento

Os nossos leitores quando leram o titulo da ultima gravura do passado numero haviam de dizer lá com os seus holdes:—ora lá vae o «Progresso Catholico» dar tambem noticia de algum escandalo dos conventos! Pois enganaram-se.

Os dois frades, conspiravam sob as gothicas arcarias do claustro, contra umas gallinhas que havia no convento, e na occasião as ultimas, de uma raça especial, e que haviam sido offertadas ao D. Abbade, que era apaixonado por toda a casta de aves. Não haviam outras no convento, e no lugar estorciam-se no leito uns quatro doentes, a quem o convento tinha dado, com todo o mais necessario, as gallinhas, que agora faltavam do monastico galinheiro.

Era forçoso ou deixar morrer á mingua os pobres doentes, ou fazer desaparecer para casa d'elles as gallinhas do D. Abbade. Era do que tratavam os bons dos frades, que não podiam vêr a fome e a doença sem o remedio que elles poderiam dar-lhe. Resolveram, por isso, que na manhã do dia seguinte deixassem o convento tres das mais gordas gallinhas, e que no dia seguinte iriam as restantes, se a Divina Providencia não mandasse outras.

Era esta a conspiração.

R.

SECCÃO NECROLOGICA



Homo quasi flos egreditur, et conteritur, et fugit velut umbra...

Job XIV, 2.

QUEM ha que duvide da verdade da descripção da vida humana, tam expressiva e patheticamente pintada pelo proverbial paciente da Idumeia? Quem é que, á vista do triste

quadro esboçado com singelas mas frizantes côres, por aquelle prototypo da resignação, não se sente, ao menos, levemente commovido?

Sim, a realidade, a dura realidade, fazendo o espirito olhar para o que é o envolvero que o cerca, estende-nos em perspectiva aquelle painel carregado de negrumes; rasão temos, pois, para não olvidar um instante a tremenda hora do passamento.

E é assim que particularmente obra o bom christão, que não vê n'este mundo mais que um transcurso, ao passo que a patria se lhe descortina no outro; n'este, uma simples sombra passando com a rapidez, com que a florzinha de sabrocha, desinvolve-se e secca, n'aquelle, realmente a pessoa que permanece, e, se mereceu, goza!

Foi de certo vizando este ideal, que, no dia 25 do corrente, expirou em Silves, José Simões Netto: christão de firmes crenças, quanto catholico fervoroso, elle não podia deixar, na hora suprema, de se achar dominado pelas ideias que, durante a vida, sempre o tinham acompanhado, e tam sinceramente havia manifestado.

Fortalecido com o inapreciavel Pão dos vivos e unguido com o oleo sagrado, sem duvida, n'aquelle momento seu espirito se havia de reputar feliz, confiando inabalavelmente da Misericordia Divina—e d'ahi á Bemaventurança apenas um passo...

Assim o cremos.

A Religião adoça d'este modo o penar do christão, *que vai*; mas nem por isso desfaz de todo o profundo sentir do christão, *que fica*: ha sempre um vacuo que dolorosamente nos modifica—desinvolve-se a dôr.

Certo é, no entanto, que esta, expandida, se torna menor (tal é *providencialmente* a indole do coração humano); por isso nós sentindo no intimo a mais viva saudade pelo homem, que, cheio de vida ainda, consideravamos por bem mais tempo pudesse dar proficuos exemplos de arraigada e sã religiosidade e defender, na orbita de suas forças, os bons principios,—vemo-nos forçosa mas suavemente levado a vir prestar esta singela homenagem á sua memoria e pedir aos leitores uma prece pelo seu eterno descanso, ao mesmo tempo que endereçamos a sua penalisada familia os nossos sentidos pezames.

27 de novembro de 1887.

D. N.

Já não existe o Rv.^{mo} Padre Miguel Ribeiro d'Aguiar, sacerdote exemplar e amigo que foi da nossa Revista. Espalhará-se a triste nova no dia 4 de novembro, logo que teve logar o fallecimento, que foi, por todos que conheciam as virtudes do finado, muito sentido.

Associando-nos á dôr da familia e dos amigos do digno Ministro de Jesus Christo, pedimos a todos os nossos leitores as orações costumadas, para que Deus lhe dê o descanso eterno.

RETROSPECTO DA QUINZENA

TERMINADA a distribuição dos premios aos alumnos das escolas da Ordem Terceira de S. Francisco, como dissemos no numero anterior, dirigiu-se S. Ex.^a R.^{ma} para o vastissimo templo, já repleto de fleis, promptos a receber o Santo Christma. Era quasi meio dia, quando principiou a cerimonia, e só depois das cinco horas da tarde terminou! Nunca se vira um tal concurso de fleis ávidos do Sacramento da Confirmação, o que prova assás, como a União Catholica está admiravelmente organizada, tal qual Jesus Christo a organisou. O venerando Prelado fez saber aos parochos de Guimarães que ministraria o Sacramento da Confirmação no dia 14; os parochos lizeram saber os santos desejos de S. Ex.^a R.^{ma}, e, no dia marcado, dez mil pessoas rodeam o Primaz das Hespanhas, confessadas e fortalecidas com o Pão Eucharistico, para receberem a Confirmação. Eis a União Catholica!

A's cinco horas da tarde o infatigavel Apostolo era obrigado a retirar-se, prometendo continuar no dia seguinte, como continuou, depois de celebrar missa na igreja de Santa Clara, como honrosa distincção ás Filhas de Maria, que se apresentaram em grande numero, recebendo a Sagrada Communhão das mãos de S. Ex.^a R.^{ma} Como na vespera o Christma continuou até ás cinco da tarde. Em dez horas, imaginem os leitores quantas mil pessoas foram confirmadas!

O dia 16 occupou-o S. Ex.^a R.^{ma} em visitar as igrejas da cidade e arredores, os conventos de religiosas, hospitaes, asylos, etc.

Descrever a alegria do povo, mas do povo de todas as classes, ao ver o bondoso Arcebispo, não o podemos fazer, porque ha impressões que se sentem, mas que se não descrevem. Limitamo-nos a dizer, que foi digna a recepção feita por Guimarães ao seu Prelado, e que nos parece, que S. Ex.^a R.^{ma} fôra com agradaveis impressões da sua visita a esta cidade.

Uma prova da alegria e da respeitosa homenagem prestada a S. Ex.^a R.^{ma} é a maneira como rapidamente se adasmascavam as janellas, mesmo quando S. Ex.^a R.^{ma} passava inesperadamente por alguma rua.

Louvemos a Deus, que em tempos de tanta descrença e tanto desrespeito pe-

las cousas da Igreja, ainda um Prelado é recebido em meio das festas e ovações dos povos, recebendo as homenagens das multidões, que se curvam reverentes à sua passagem.

Não quiz o venerando Primaz deixar de assignalar a sua estada em Guimarães sem um rasgo da sua muita caridade, distribuindo pelas casas de caridade e pobres das freguezias da cidade as seguintes esmolas:

A's religiosas Capuchinhas 40\$500; Recolhimento do Anjo 6\$000; Recolhimento das Trinas 8\$000; Albergue de Santa Margarida 7\$000; Albergue de S. Crispim 9\$000; Albergue de S. Paio 8\$000; Asylo de Mendicidade, 40\$500; Asylo de Santa Estephania 40\$500; Para distribuir pelos entrevados do asylo da Misericordia 28\$000; Pelos presos 13\$500; Aos pobres da freguezia da Oliveira (1.ª parte) 27\$000; Aos da 2.ª parte 27\$000; S. Sebastião 27\$000; S. Paio 27\$000; Creixomil 27\$000; S. Torquato (pobres) 27\$000; S. Torquato (obras) 30\$000; Melhoria de rancho ao regimento 18\$000.

S. Ex.ª R.ª partiu d'aquí para Braga no dia 18, depois do meio dia, acompanhado por grande numero de pessoas notaveis, auctoridades, clero, etc.

Guimarães hade lembrar sempre a visita do Ex.º R.º Sr. D. Antonio José de Freitas Ilonorato como a mais festiva e mais honrosa que ha recebido.

E quem muito mais presou e agradeceu a Deus a visita do venerando Primaz, foi a piedosa Associação das Filhas de Maria, a quem S. Ex.ª R.ª mostrou, por todos os modos, o alto apreço em que tem essa formosa agremiação, e o quanto lhe agradam as praticas religiosas e reuniões que ellas promovem, e o desejo que tem de que sejam concorridas, muito concorridas de fideis.

Para provar o que deixamos dito publicamos com o maior prazer as seguintes letras pastoraes, que S. Ex.ª R.ª enviou ás Filhas de Maria d'esta cidade, como signal de que d'ellas se não esqueceu, e de que tem em grande consideração os serviços por ellas prestados á Religião, á civilisação e aos bons costumes:

A todos os fideis, d'um e outro sexo, que assistindo aos actos e exercicios publicos religiosos da pia Associação das «Filhas de Maria» devotamente rezarem tres vezes o Padre Nosso e Ave Maria pelas necessidades espirituaes e temporaes da Santa Igreja, e por cada vez que o fizerem, Concedemos quarenta dias d'indulgencia, e á mesma Associação enviamos a Nossa

benção pastoral. Paço de Braga 26 de Novembro de 1887.

A. Arcebispo Primaz.

Pela leitura dos jornaes soube que o snr. José Luciano de Castro, presidente de ministros, visitando em Braga o Collegio da Regeneração, dissera o seguinte:

«Desde que sahi de Lisboa poucas horas tenho tido de tanta consolação, como as que aqui passei, e levo d'esta casa impressões que jamais esquecerei; folgo em ver como se opera aqui a regeneração das infelizes pelo trabalho e pela religião, com suavidade e brandura, e consolo-me por haver contribuido para que se concedesse ao collegio este convento, que considero um dos mais bem empregados.»

E acrescenta a mesma folha que s. ex.ª escrevera no livro dos visitantes estas palavras, que o *Progresso Catholico* deve archivar em suas paginas:

«Da visita que fiz a este utilissimo estabelecimento guardo as mais agradaveis impressões. Com menos recursos não se pode fazer mais em favor das infelizes, que aqui acham a regeneração pelo trabalho. São verdadeiros benemeritos os que fundaram e dirigem esta benefica instituição, que é digna da protecção dos poderes publicos. E em especial merece os maiores louvores o seu illustrado e zeloso director, o snr. padre Airoza, a quem decerto se deve o estado de adiantamento a que chegou este notavel collegio. 12 de outubro de 1887.

José Luciano de Castro.»

Pois snr. Zé Luciano, é pena que v. ex.ª não conheça os frades, se é que os não chegou a conhecer n'este malfadado paiz. Todos os conventos de frades eram isso que v. ex.ª viu no Collegio da Regeneração, e como os que fundaram esta casa, foram benemeritos os que fundaram todos os conventos. Foi pena, repetimos, que v. ex.ª não viesse antes, a tempo de conhecer os bons dos habitantes do mosteiro, por que se os visse, como viu as religiosas da Regeneração, de certo dava um pontapé no gran.º geringonzeiro. e fazia-se amigo dos grandes obreiros da civilisação, e seria ainda com mais certeza inimigo das ruinas, dos escombros em que tem, com seus amigos, sepultado as glorias da Patria.

Louvemos a Deus que alguma cousa se lucrou com a visita regia ao norte do paiz.

Certos hão de estar os leitores d'uma serie de artigos aqui publicados sob a epigrapha—*Os missionarios em Barcellos*.

Como viram, um collaborador d'esta Revista, tomando o pseudonymo de—

um leitor do «Primeiro de Janeiro»—, fez ver, d'um modo bem claro, á «Ideia Nova» (jornal republicano, de Barcellos, já fallecido), ao «Primeiro de Janeiro», e a outros jornaes da mesma laia inimigos das missões e missionarios catholicos, que a monomania de Amelia Ferreira de Azevedo, da freguezia de Pedra Furada, do concelho de Barcellos, era esta—de querer casar com um snr. Zé das Eiras, e não—«monomania religiosa inculcada pelo terror dos jesuitas do Varatojo» (como diziam aquelles jornaes) na missão dada pelos padres varatojanos, na freguezia de Gual, do mesmo concelho.

Os nossos leitores estão certos d'isso?

Pois bem. Amelia conseguiu casar com o tal Zé das Eiras, e..... monomania..... acabou-se..... nunca mais! O casamento varreu-lh'a completamente e encheu-lhe a cabeça de juizo!

Já vêem, pois, os leitores que se disse a verdade no «Progresso Catholico».

O que agora muito desejamos é que o «Primeiro de Janeiro» e outros seus collegas de Barcellos tomem nota do facto, e que o snr. Consiglieri Pedroso, quando lhe constar que algumas raparigas, como Amelia, não *andam boas da cabeça*, interpelle o governo nas camaras, e peça rigorosas providencias ao snr. ministro para que este mande immediatamente casar taes malucas.

Cessarão d'este modo as monomanias.

Desenganem-se os apostolos da *nova ideia*. A confissão sacramental e as missões catholicas nunca fizeram endoidecer pessoa alguma; ao contrario dão muito juizo a quem o não tem.

Escrevem-nos da Madeira:

Trabalhar ao domingo nunca traz fortuna! por parte nenhuma talvez isto se manifesta tão claramente como aqui no Funchal nas obras da doka; ainda não ha dois annos que estas obras começaram e já morreram mais de meia duzia de trabalhadores com varias desgraças e outros tantos estão mais ou menos estropiados por toda a vida. Nunca aqui na Madeira se tem visto n'uma obra tantas desgraças! Até se tornou necessario um hospital particular para tratamento de feridos e moribundos.

Dizem uns que a culpa tem os proprios trabalhadores, por serem pouco acautelados e muito fogosos no trabalho; outros dão a culpa á falta de inspectores; e tenho para comigo que em grande parte ao menos será castigo de Deos pela profanação do domingo, que se commetteu n'estas obras sobretudo no principio com bastante escandalo do nosso povo, que louvores a Deus na sua grande maioria ainda respeita o domingo. Ninguém pode levar a mal que aos domingos se faça

um trabalho realmente inadiável. Mas trabalhar quando não ha urgencia ou necessidade alguma, e até declarar aos trabalhadores que fazem difficuldade em acceitar trabalho para o domingo: «ou trabalhareis ao domingo, ou não tereis aqui trabalho nenhum,» isto revolta e provoca a justiça divina. Se ella não se manifesta em todo o seu brilho senão na outra vida, isto não impede que não alcance alguma vez os culpados já n'esta, como aqui se observa, com bastante prejuizo dos empreiteiros e dos trabalhadores que sem verdadeira necessidade acceitam trabalho nos dias do Senhor!

Diz a mesma publicação, que em Onteniente (Valencia) se recebeu uma real ordem para o estabelecimento de uma comunidade de religiosos franciscanos, o que alegrou sobremodo todos os povos visinhos, porque bem sabem o bem que auferem das Ordens Religiosas.

Isto é tambem em Hespanha. Por cá espera-se mas é por ordens reaes que mandem *pupar* o resto dos conventos que ainda existem. Mas é que por aqui o *progresso* é mais rasgado, rasgado de todo.

Diante de nós temos uma elegante brochura que acabamos de lèr, com o titulo de:—

ESBOÇO BIOGRAPHICO DO EX.^{mo} R.^{mo} SNR. D. JOÃO REBELLO CARDOZO DE MENEZES, ARCEBISPO DE LARISSA E BISPO COADJUTOR E FUTURO SUCCESSOR DE LAMEGO.

Lemos o trabalho do snr. Ribeiro Braga, e folgamos de vèr em volume e bem impresso, a Biographia do sabio e virtuoso Arcebispo de Larissa, saber e virtudes por nós bem conhecidas, porque de muito longe conhecemos S. Ex.^a R.^{ma}, desde o missionario incansavel, até ao Prelado preclarissimo.

Adorna a obra um retrato de S. Ex.^a R.^{ma}, e é o preço da brochura 200 réis.

Desejando que todos conheçam as virtudes que adornam a alma do virtuoso Prelado, não podemos deixar de recommendar a difusão d'este pequeno volume, porque de todos é bem conhecido, que as virtudes dos outros são ensinamentos que ás vezes muito aproveitam.

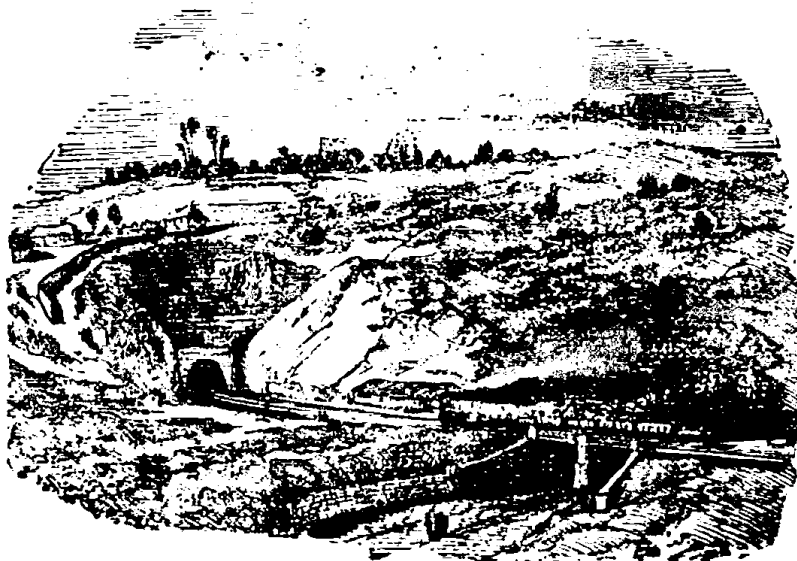
Recebemos o 1.º n.º de uma nova publicação da Ilha Terceira, sob o titulo

—*O Peregrino de Lourdes*. O titulo diz tudo, mas mais dizem ainda as palavras que toma por divisa:—*Sempre com a Igreja e com o Papa*.

Dando as boas vindas ao collega desejamos-lhe muita vida e muita coragem, que é o mais necessario n'estes tempos para arrostar com os tiros dos nossos inimigos.

Cá está a visita de todos os annos, o interessante ALMANACH DA IMMACULADA CONCEIÇÃO para 1888, composto por dois devotos da mesma Senhora.

Não imaginam os leitores o quanto nos alegra a chegada d'este pequeno livro, e a avidéz com que devoramos a sua parte litteraria, moldada sempre nos ensinamentos da Igreja, e a transbordar de toda ella a fè e a piedade de



O TUNEL DO MONTE CENIS

seus colaboradores! E, além da parte litteraria, um bom calendario, e muitas tabellas de puro interesse, o que tudo torna o nosso amigo almanach muito apreciavel.

É editor d'elle o nosso amigo snr. Joaquim Antonio Pacheco, de Lisboa, e o seu preço é de 100 réis.

Quizeramos fazer muito por este almanach, mas, na impossibilidade de mais fazer, ao menos encarregamo-nos de o mandar para qualquer parte, a quem nos mande a sua importancia, e mais 10 réis para o correio, não preferindo antes pedil-o directamente ao editor na Calçada do Carmo, 6—Lisboa.

Offertado pelo ex.^{mo} snr. J. Franco Castello Branco, deputado por Guimarães, recebemos um volume de 132 paginas, contendo os discursos parlamentares ácerca do orçamento rectificado e pauta geral das alfandegas. Agradecemos.

É uma noticia de arromba, esta que vamos offerter a nossos leitores, e que nos deu o *Correio de Pombal*. Ora leiam:

«Consta que entre os membros da maçonaria portugueza se trabalha activamente para a escolha do cavalheiro, que hade ser investido no cargo de grão mestre, vago pela morte de Antonio Augusto d'Aguiar, e interinamente exercido pelo snr. José Elias Garcia. Ha ao que parece dois partidos: um que pretende eleger o snr. Elias Garcia, outro que protege a candidatura do principe D. Carlos.

Póde dizer-se uma lucta entre monarchicos e republicanos.»

Ora esta! Pois o principe herdeiro do throno de Portugal, o que hade ser rei fidelissimo, será mação?

Será, será, o diabo o jure!

São muito honrados os jornalecos da impiedade, e pode dar-se-lhe credito, como se póde e deve dar a qualquer pantomimeiro que nos appareça. Ha pouco tempo noticiaram alguns jornaes, que haviam roubado a ultima freira do convento de S. Bento, em Evora, substituindo-a por outra, etc., etc. Cousinhas dos jornaes revolucionarios!

Pois ácerca d'essa noticia lemos no *Manuelinho d'Evora*, nosso collega da capital do Alemtejo, a seguinte noticia:

«Acerca da noticia falsa dada pelo *Jornal do Commercio*, de ter sido raptada a ultima freira do convento de S. Bento, suburbios d'esta cidade, e substituida por outra, recebemos hontem de Lisboa a informação de que um pretendente ao logar de recebedor de comarca fôra ao ministerio da fazenda, ha pouco tempo, fazer essa denuncia falsa.

Uma insidia, que havemos de castigar, talvez.»

Não é um bom caminho para chegar a uma posta gorda! Estão costumados a ter recompensas os *patifes*, em todas as classes, por isso elles apparecem por toda a parte, mentindo, calumniando, fazendo o verdadeiro papel de verdadeiros *patifes*.

J. de Freitas.